



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MIMI, NECAS E LÚLÚ

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

LULU acordou mal disposto. Mal abriu os olhos, gritou: «Narciso!... Narciso!...» O pequeno criadinho veio, logo, mas o Lúlú, que estava num dos seus maus dias, achou que ele se demorava: «Então que demónio é isto? Estou a chamar há mais de meia hora e você faz de conta? Pois já vai saber que comigo não se brinca!...

E agarrando na almofada... trás!... atirou com ela ao rapazito!

Necas, admirado com o gesto do irmão, interveio:

«Eh lá!... Tu hoje não estás bonzinho da cabeça!...»

Lúlú ficou furioso. E, agarrando no travesseiro com ares ameaçadores, disse para o irmão:

«Tu fazes o favor de estar calado, sim? Não tens nada que te meter na minha vida! Senão...»

«Ah, ele é isso? — respondeu Necas, saltando da cama. — Queres atirar-me com o travesseiro? Ora experimenta...»

Palavras não eram ditas, já o travesseiro ia pelo ar, direito à cabeça de Necas.

Este atirou-se ao irmão. Os dois engalinharam-se. A certa altura o Necas, mais velho e mais forte, pôde dominar o irmão. Mas Lúlú, desesperado, por se ver vencido, conseguiu levantar a cabeça e zás!... ferrou os dentes no braço do irmão. Cheio de dôres, o braço a escorrer sangue, a dentadura certinha de Lúlú bem impressa na sua pele, o pobre Necas desatou aos gritos. A mãe, que andava perto, acudiu logo. E, ao saber o que se passava, agarrou numa escova... e bateu, bateu, bateu no *sim senhor* do Lúlú, até tocar a quebrado.

«Seu marôto! — dizia ela — Não tem vergonha de morder. É tal qual um cão, que só sabe defender-se à dentada!...»

Lúlú sofreu os açoites com certa resignação.



Mas o que o ofendeu deveras foi a mãe chamar-lhe cão.

Porisso, apenas ela saiu do quarto, vestiu-se rapidamente, as lágrimas de raiva a correrem pela cara abaixo. E apenas acabou de se vestir, disse ao irmão, que de braço ligado, procedia com vagar à *toilette*:

«Choramingas! Maricas! Por tua causa bateiram-me e chamaram-me cão. Mas isto não fica assim! Já que eu sou cão, vou para a casota!...»

Linha morrido há tempos o Tigre, o cão de guarda da casa. E como ainda não fôra substituído, a sua casota do quintal estava vazia.

Foi para ali que o Lúlu se dirigiu. E, rastejando, enfiou-se na casa do cão e instalou-se lá dentro o melhor que pôde.

Não esteve muito tempo sossegado. Pouco depois aparecia o Necas:

«Anda cá para fóra! Não seas parvo! Eu perdoo-te!...»

Quero cá saber se perdoas ou não! Eu sou cão, não saio daqui!...»

Necas foi chamar a criada Adélia. Esta veio,



«Oh! Oh! Oh!» — espantou-se a Miss diante da má-criação do Lúlu.

E a Mimi, que assistia à cena, censurou o irmão:

«Oh Lúlu! Tu endoideceste?»

Lúlu, nesta altura resolveu passar das palavras aos actos. E, dando um salto para fóra da casota, abriu de tal fôrma a bôca, que todos os presentes, cheios de medo, largaram a fugir e só pararam em casa.

Mimi foi logo contar à mãe o sucedido. Então esta mandou que a Adélia fôsse buscar a coleira e a corrente de ferro de prender o Tigre, e com elas na mão, dirigiu-se para o quintal. Apenas chegou junto da casota, ordenou em tom severo:

Lúlu! Cá para fóra!...

«Não quero! — atreveu-se este a responder, mas já um tanto amedrontado. — Sou cão! não saio daqui!...»

«Já! Imediatamente!» — exclamou a mãe, elevando um pouco a voz.

Lúlu não teve corágem para resistir. A rastejar, muito devagarinho, aproximou-se da porta. Então a mãe, agarrou-o por um braço, obrigou-o a levantar-se, passou-lhe a coleira em volta do pescoço, esforçando-se por não magoar o mal-criado e prendeu a corrente à casota. Em seguida disse-lhe:

E' bem triste para uma mãe ter de castigar tão severamente o seu filho!... Mas não há remédio!... Enquanto o menino não se arrepender das suas maldades e não pedir perdão às pessoas que ofendeu, fica aqui prêso. Cá lhe trarão a comida numa tijela às horas das refeições!»

E sem voltar a cabeça, dirigiu-se para casa, fechando atrás de si a porta do jardim.

Escusado será dizer que o mau génio do Lúlu desaparecia pouco depois. Ainda almoçou na casota, mas quando a Adélia lhe levou o *lunch*, já estava tão arrependido que lhe pediu desculpa



logo, a menear-se. E, ao ver Lúlu dentro da casota, exclamou:

«Olha que disparate! Saia daí, que se suja!...»

«Ah sim, minha lambisgoia? Ou desapareces já da minha vista, ou ferro-te uma dentada, que te mato!...» Eu sou cão, estou aqui muito bem!...»

A Adélia chamou a cozinheira Maria.

Maria, sempre carinhosa, pediu:

«Oh mé querido menino! Saia já daí, mé amôr! Olhe a madrinha!...»

«Vai lavar os pratos e deixa-me! — retorquiu Lúlu. — Eu sou um cão!...»

A Maria foi buscar a Miss:

«Lúlu — ralhou esta — que está o menina aí fazendo? Cá para fóro já!...»

Lúlu desesperou-se:

Ou a Miss me deixa em paz ou mordo-a também! Os cães gostam muito de bifés. E como a senhora é *bifa* e eu sou cão... já sabe!...»



Por ABELHA MESTRA

Tinhas-me pedido o desenho de uma chinesa mas, por mais graça que eu quisesse dar-lhe, ao desenhá-la, achei-a sempre feia para o teu saquinho de trabalho. Resolvi-me, então, por uma japonesa; o seu toucado e o kimono fazem-na muito graciosa e, assim, ela dará maior beleza ao teu trabalho.

Se não concordares, posso, de aqui a mais algum tempo, depois de satisfazer outros pedidos, publicar, então, o desenho duma chinezinha. Fazes os contornos em ponto pé de flôr. As bolinhas são pequenos nósinhos que farás, exactamente, como numa lição anterior já ensinei.

O kimono é todo azul bem como os sapatinhos. A facha, nósinhos, arabescos do kimono e pregos do cabelo são alaranjados.

Mãos, cara e pés em côr de carne, Cabelo preto.

A flôr da mão, é côr de rosa.

A paisagem é verde.

Tem cuidado ao fazer o ponto para que fique certinho.

Para fazeres o cabelo, começa pelo contorno e vais sempre, pelo lado de dentro, trabalhando o ponto, junto do que já está feito, até obteres o desenho completamente cheio.

Pelo que me dizes, calculo que já tenhas o modelo para o teu saco de trabalho, mas aconselho-te a que lhe ponhas umas argolas de côr que lhe darão muita graça.

Vossa

ABELHA - MESTRA



ARGENTINITA

Desta nossa muito querida colaboradora, recebemos a linda oferta dum casaquinho de malha de lã, destinado a uma criança pobre, nossa protegida, e executado pela oferente, que tão nobremente consagra o seu culto às crianças, dando destes exemplos de piedade cristã ou deliciando-as com as primícias dum talento poético que desabrocha. Com os nossos agradecimentos, publicaremos nos próximos números duas composições que nos enviou.

da sua maldade e declarou querer também fazer-se perdoar pelas outras pessoas da casa!

E a lição foi tão eficaz, que hoje, quando o Lúlú, nas lutas com os irmãos, resolve mostrar os dentes, estes gritam-lhe:

«Ao! Ao! Ao!»
E o maroto do Lúlú,
fecha a bôca e dá com a mão!...

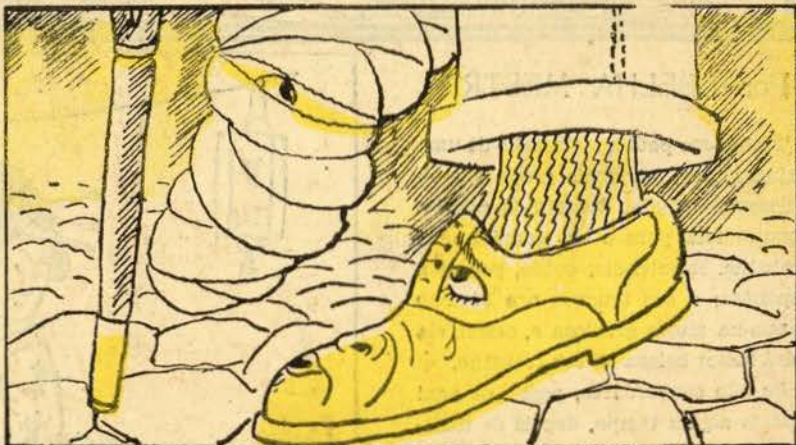


POR
LAURA CHAVES

VIVIAM aqueles pés,
o esquerdo mais o direito,
sempre em tremendos banzês:
isto, tudo, por despeito.

Do alto da sua bota,
o direito, um toleirão,
chamava tanso, idiota,
ao desgraçadinho irmão.

—«Repara a vista que faço!
não sou como tu, assim!
Sou eu que iniciei o passo!
Tu vens sempre atrás de mim!



O que me dá mais no goto
é permitirem que viva
um pé, como tu, canhoto,
tão falho de iniciativa!

Eu que não quero ter cão
para o não sentir atrás,
hei de *grammar* este irmão!
Ai, que raiva que me faz!»

Gritava em tal escarceu,
tal barulho êle fazia,
que o outro se convenceu
que para nada servia.

Muito humilde, coitadinho,
o canhoto, olhando o chão,
lá seguia no caminho
sempre atrás do seu irmão.

Um dia, quando, arrogante,
o pé direito avançava,
não sei como, nesse instante,
numa pedra que ali estava,

deu uma enorme topada,
tropeçou, zás, catrapaz!
e é que a coisa era falada
se o outro que vinha atrás,

não corresse pressuroso
em socorro do irmão.
Foi o torto, o vagaroso,
que evitou o trambulhão.

E enquanto o esquerdo, ralado,
num gesto bem natural,
preguntava, interessado:
—«Senhor Irmão, fez-se mal?»

O fidalgo, o pé direito,
ferido em sua vaidade,
resmungava — (que sujeito!) —
esta estúpida maldade:

—«Isto os tortos, os tarados,
às vezes têm lampejos,
gestos bons mas impensados.....
Vão lá fiar-se em canejões!!»

.....
Nunca se pode viver
tranqüilamente na vida,
que um dia, sem se saber,
acontece uma partida.

E foi o que sucedeu
ao pé direito, ao herói,
aonde uma vez nasceu
uma borbulha, um dói-dói.

Começou a avermelhar
e era tão grande a inchação
que tiveram de chamar
o doutor cirurgião.

Êste, depois de o espremer,
pô-lo em algodão em rama
e logo o mandou meter
muito quieto, na cama.

Isso é que foi rabujar!.....
Dizia ao esquerdo, ao tanso:
—«Eu a sofrer, a penar,
e tu no belo ripanso!»



HISTORIA DUNS MELROS

POR ANÃO SABICHAO

DESENHOS DE A. CASTANÉ

PREÇO aos meus queridos amiguinhos que leiam esta história com a maior atenção. Nela descrevo índoles boas, índoles más e animaisinhos, que, tal qual como a gente, possuem sentimentos afectivos e se vingam de quem lhes dá razão para isso.

Passou-se o caso numa aldeia, onde os filhos do ferreiro, o Joaquim e o Bento, eram temidos pela sua ruindade.

Não havia partida diabólica que eles não inventassem!

Um dia, ao verem um ninho no castanheiro da estrada, subiram á árvore e roubaram os melritos, nascidos havia pouco.

Os dois passarinhos piavam que metiam dó, cheios de frio e de fome.

Então, os marôtos perceberam que não os podiam criar e meteram-nos numa gaiola que penduraram num ramo do castanheiro.

Os pais melros andavam doidos com o desaparecimento dos filhos.

Quando os avistaram, dentro daquelas grades, deram uns pios, muito tristes, mas como os seus meninos abriram os biquinhos, esfomeados, trataram de ir à cata de insectos, para os sustentar.

Assim os foram criando, dando-lhes o alimento pelas grades, numa desolação por não poderem bicá-los com carinho e aconchegá-los debaixo das ásas, como o faziam

no ninho: A' tardinha, os rapazes iam buscar a gaiola.

Dentro da casa, soltavam os melritos e faziam-nos passar um suplício:

Ponto de mira do gato e do cão, não tinham descanso, a esvoaçar, aflitos, assarapantados, diante



daqueles olhos terríveis que, cheios de cobiça, não deixavam de os fitar.

Era o divertimento do Bento e do Joaquim, o susto das pobres ávesinhas que nem podiam dormir, sempre a sonhar com os olhos amarelos que os perseguiam.

Na vizinhança morava a Ritinha. Apesar de ter a mesma idade dos filhos do ferreiro, era uma rapariguinha ajuizada e, sobretudo, muito bondosa.

Já, várias vezes, ao vêr as judiarias que os maldosos rapazes faziam sofrer aos passarinhos, se indignara com o seu procedimento.

Uma ocasião, em que a gaiola estava pendurada na árvore, ela subiu lá cima, e trouxe-a consigo. Colocou-a no parapeito da janela do sótão.

Os pais melros que estavam no telhado, tiveram uma alegria doida, ao vêr ali os filhos.

A Ritinha, foi, então, buscar um regador velho, pôs-lhe, no fundo, uma camada de palha e meteu lá dentro os melrinhos.

Daí em diante, ali se criaram, pois os pais melros também adoptaram aquêlre ninho improvisado.

Da janela, a Ritinha seguia, cheia de interesse, os progressos das



avesinhas. Que graça achou quando os viu sair do regador, já cobertos de linda penúgem e, por fim, ensaiarem vôos tímidos. Mas, certo dia, a pequena ficou muito triste.

A família dos melros voara para longe e desaparecera.

Mas, os animaisinhos não se esqueceram da sua amiguinha a quem tanto deviam.

Todas as manhãs a vinham acordar com os seus cantos alegres.

Logo que ela os ouvia, saltava da cama sobresaltada, e ia para a janela onde os melros estavam à sua espera.

Piavam, então, como a dar-lhe os bons dias, vinham pousar-lhe nos ombros, na cabeça, com grandes expressões de contentamento.

Mas se, por vezes, avistavam os malvados dos filhos do ferreiro, caíam-lhe em cima, e, enfurecidos, enchiam-nos de bicadas.

Os rapazes chiavam, barafustavam mas viam-se e desejavam-se, para se livrar dos passarolos.

Vingativos e rancorosos, eles não lhes perdoaram a sua maldade!

Assim passaram meses.

Mais tarde, os dois pequeninos melros, já, então, uns grandes melrões de bico amarelo e lindas penas luzídias, vieram, muito manhosos e levaram o resto da palha do fundo do regador para fazerem



os seus ninhos. — Ou não fossem eles melros!... comentou a Ritinha, muito divertida com o caso.

E agora pergunto eu:

— Valeu ou não a pena terem prestado atenção à interessante história dos melrinhos da boa Ritinha e dos maldosos rapazes?

Creio bem que sim!

■ F I M ■

OS DOIS PÉS (Continuado da página 4)

O outro, sem fazer bulha, respondia em voz fininha:

— «O Mano tem a borbulha mas a culpa não é minha!»

Em voz irada e ruim gritava o direito, então:

— «Isso! Arma agora em Caim! Egoísta, mau irmão!»

Mas o dono dos dois pés, teve de se levantar

porque, a-pesar do revez, precisava trabalhar.

Uma muleta arranhou e, com a perna encolhida, lá como pôde tratou de ganhar a sua vida.

O pé canhoto, o pé tanso, carregando todo o pêso, sofreu tudo, sem descanso, sem fraquejar, rijo e teso.

Ao pé direito, à má rez, por ser tolo e ser maroto, chegara-lhe a sua vez de andar atrás do canhoto,

Nunca esqueçam a moral destes versos tão ligeiros:

— Os últimos, afinal, serão, um dia, os primeiros.

■ F I M ■

Festival do PIM-PAM-PUM ADIVINHA



Publicando, hoje, o 5.º cupão para a grande festa do «PIM - PAM - PUM», Anão Sabichão participa a todos os seus leitores e amiguinhos que ela se realizará na vasta sala do Capitólio—Parque Mayer—em dia que anunciaremos no próximo número.

A troca do cupão só se efectuará quando publicarmos o respectivo aviso.



Meus meninos: Vejam se descobrem onde se encontra o tocador desta viola.

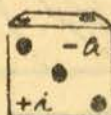
ENIGMA PITORESCO

PARA OS MENINOS COLORIREM

U



iu



Rai do Sello - 1934



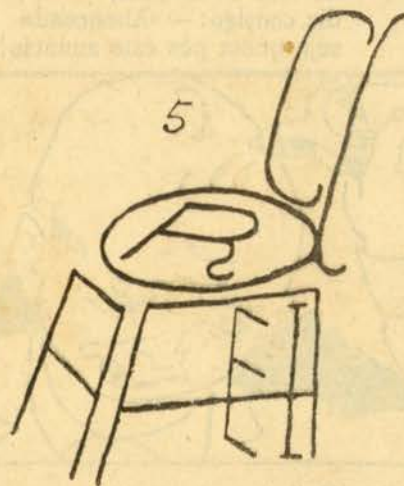
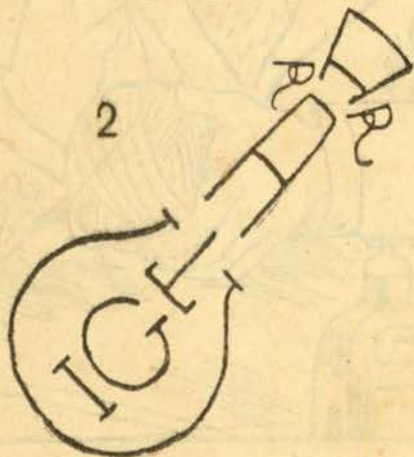
CHARADAS COMBINADAS

- + pista — Semente
 - + lar — Coluna
 - + ca — Caixa
 - + la — Compartmento
- conceito: Terra Portuguesa

- + Ida — nome mulher
 - + na — nome de mulher
 - + rio — nome d'homem
- conceito: Poema Homérico

- + va — Ovario dos peixes
 - + co — Peça circular.
 - + na — Rio Europeu
 - + s — verbo ir
- conceito: Poema Homérico

AUTO EMBLEMA



CONCURSO ORIGINAL — Iniciamos hoje um pequeno concurso, a-fim dos pequeninos leitores, que tenham habilidade para o desenho, provarem o seu engenho e, principalmente, a sua imaginação, o qual consiste na reprodução gráfica dum objecto, formado pelas próprias letras que o designam. Ao melhor desenho será atribuído um prémio, um lindo livro infantil, e aos quatro imediatos o direito à publicação do retrato dos autores. O prazo para a entrega termina no próximo dia 1 de Agosto.

REMÉDIO EFICAZ



I — Jacinto Gomes Pafúncio, deveras contente, ri-se, o que nele é bom prenúncio, por haver lido um anúncio para a cura da calvície.



II — Sendo totalmente calvo, completamente não; minto... pois um cabelo, o papalvo, um apenas, tem a salvo no seu touço, o Jacinto.



III — Portanto, leitor prezado, o nosso Gomes Pafúncio, deveras alvoroçado, diz consigo: — «Abençoado seja quem pôs este anúncio!»



IV — Meia hora decorrida, eis nosso heroi sem cabelo, com a droga referida, todo entregue à sua lida de fazer crescer o pêlo.

V — O pêlo que, em realidade, à falta de mais cabelo, foi crescendo, na verdade, com tanta fertilidade, que se tornou... em novêlo!